

Estrago de reputações nas redes sociais é alvo de estudo

Assunto pautou dissertação de mestrado defendida por Karen Mercuri

JB Anthero

Daíza Lacerda

Você já recebeu em sua rede social algum tipo de apelo envolvendo terceiros e replicou sem checar a procedência do fato? No cotidiano do uso das redes, pode parecer algo "normal", mas o comando compartilhar também é responsável pela destruição de mais que reputações, mas vidas. Esse estrago provocado pelo poder das redes a partir das ações das pessoas foi o tema de estudo da limeirense Karen Tank Mercuri Macedo. Ela defendeu, em agosto, a dissertação de mestrado "Linchamentos virtuais: paradoxos nas relações sociais contemporâneas", orientado por Carolina Cantarino Rodrigues, na Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA/Unicamp).

O fenômeno do "linchamento virtual" foi investigado pela autora a partir da análise de diversos casos, como a morte de uma dona de casa, em 2014, no Guarujá, após ter sido confundida com uma suposta sequestradora, a partir de retrato falando que nem se relacionava ao caso. Tudo a partir de boatos que circulavam na cidade, pela internet.

"A situação tem se tornando recorrente, principalmente com discursos de ódio. Mas o linchamento virtual se torna real, pois a violência chega a pessoas ou a um grupo devido à força do agrupamento em massa nas redes sociais", considera. Uma das hipóteses trabalhadas é que as pessoas estão movidas a paradoxos do mundo contemporâneo, como o real x virtual, público x privado, em fronteiras que passam a ser ignoradas. Um exemplo é a situação privada que vai ao julgamento e condenação prévia do público, a exemplo do caso Fabíola, ocorrido neste ano, com a divulgação do vídeo em que ela foi flagrada pelo marido saindo de um motel com outra pessoa.

"Preferem a justiça com as próprias mãos, em situações que as pessoas não



■ Karen: há no mínimo dois lados a serem considerados ao se pronunciar na internet

conseguem enxergar o outro lado, o da justiça institucional, e principalmente o lado humano da pessoa exposta, pois são pessoas que têm trabalho, família. Os internautas perdem a dimensão do quanto a violência pode ser potencializada".

INCONSCIENTE?

Mas, o que leva os usuários ao "piloto-automático" dos compartilhamentos sem critério? A resposta está nas mais diversas áreas, como sociologia e filosofia. "Na aceleração do pensamento, com tudo automatizado, não paramos para refletir. O julgamento e condenação são muito rápidos. A opinião pública não espera o tempo da justiça institucional", explica.

Outro quesito é a própria estrutura da rede. Além de cada ação ser seguida e registrada, mesmo para quem não usa redes sociais, cada detalhe da vida pessoal postado alimenta um banco de dados que tem muito valor para as empresas oferecerem seus produtos. Afinal, quem nunca notou um anúncio da busca recente de um produto no canto da tela?

Boatos, denúncias e montagens que expõem outras pessoas são algumas das "iscas" aparentemente inocentes, que ganham força com os compartilhamentos e comentários. Karen cita uma pesquisa feita pelo Facebook: para

um grupo, foram dispostos apenas conteúdos negativos. Para outro, variado, também com positivos. Após o período de análise, o grupo submetido às notícias ruins continuou replicando esse tipo de conteúdo, mesmo sem o filtro específico. Isso mostra o quanto os usuários são suscetíveis, o quanto interferem os discursos de ódio e intolerância. Se, por um lado, há ação do algoritmo, que está no rastro de cada clique do usuário filtrando o que será exibido em sua linha do tempo, pelo outro, é a própria pessoa que alimenta essa engrenagem: quanto mais interage com esses conteúdos, maior a tendência de ele ser direcionado a ela.

RESPONSABILIDADE

Karen apela à responsabilidade social de cada um ao postar informações da rede, o que pode ser exemplificado com outro caso. O descuido de Justine Sacco, diretora de comunicações de uma empresa norte-americana, custou seu emprego e sua reputação. Em viagem de férias, ela escreveu no Twitter: "espero que eu não pegue aids. Brincadeira. Eu sou branca!". Só que o texto não ficou restrito aos seus 170 seguidores. O comentário viralizou antes mesmo de desembarcar, comprometendo muito mais do que a viagem.

"A internet dá voz aos

que não tinham, e a bandeira da liberdade de expressão desconsidera a dignidade humana. Não se enxerga o outro e que as consequências transcendem barreiras. Acontece o oposto: a pessoa é tida como culpada até que se prove o contrário".

Além da necessidade de parar para refletir e considerar o outro lado, ela aponta o equívoco em achar que a internet é um território sem lei. "As pessoas pensam que estão amparadas pela tela do computador, mas tudo pode ser rastreado. Tanto que crimes de racismo foram investigados e levaram às punições", cita, referindo-se a casos como o da atriz Taís Araújo e apresentadora Maria Júlia Coutinho, a Maju.

Embora reconheça ser inviável viver desconectado, Karen, que dá palestras em escolas sobre o assunto que pautou seu estudo, atenta para a questão da privacidade. "Enquanto em outros tempos tínhamos diários com cadeados, hoje, se expor é tido como normal. Por isso, cabe a nós expor à sociedade que há sempre, e no mínimo, dois lados a serem considerados ao se pronunciar na internet. Cabe a cada um fazer a ponderação quanto aos ganhos e consequências. Provavelmente, a tecnologia chegou antes do letramento digital, e não se aprendeu o uso das aplicações com responsabilidade".